

O HUMANO NATURAL E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

ABSTRATO

Desde os primórdios da Inteligência Artificial, a pessoa é vista como central em suas aplicações.

Nem sempre é o que parece. Diversas realidades da ocupação humana estão abaladas pelas novas intervenções nos processos produtivos e da organização da sociedade.

O número de pessoas empregadas já está sendo reduzido; máquinas assumem seu trabalho. Verdade. Os argumentos de que as vacâncias sejam repostas por novas profissões são temerários. As organizações têm suas limitações em aproveitá-la, talvez por falta de capital e certamente por não terem investido em os talentos. A desigualdade no mundo afronta a abundância da oferta.

Novas formas de trabalho não nascem do dia para a noite.

Será que a construção de novos processos nas organizações está considerando as pessoas como seu alicerce? O processo é um túnel e se não considerar as pessoas na entrada, o que esperar delas depois?

Não se pode, no entanto, ter visão apocalíptica. Pessoas continuarão desenhando os códigos e, espera-se, humanizando-os. Espera-se que tal predicação ético não seja soterrado pela “maquinização” da Inteligência Artificial Geral.

A sociedade terá que se responsabilizar pela reconstrução seus modos de trabalho, emprego, responsabilidades de seus agentes e cuidados com a pessoa para que esteja de fato no centro das decisões. Servir à humanidade. A Inteligência Artificial em sua magnitude é uma energia em eterno movimento.